

volume

30/2

jul/2025

ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História e Literatura: diálogos e reflexões

Este leitorimeira d'adem o'ekelot q'irimira te' dem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a
única depositaria da afaunica depositaria da afa-
unica Guarana Espumadumida Guarana Espumadumida
te e do excellento chocote e do excellento chocote
lat Lacta, fabricados oute lat Lacta, fabricados oute
S. Paulo pelos Srs. Zas. Paulo pelos Srs. Zas.
notta Leocirio & Cianotta Leocirio & Cianotta
A Comititaria Brasil fazi Comititaria Brasil fazi

Este leitorimeira d'adem o'ekelot q'irimira te' dem
especialidades em doces especialidades em doces
para casamentos, baptipara casamentos, bapti-
sados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a
única depositaria da afaunica depositaria da afa-
unica Guarana Espumadumida Guarana Espumadumida
te e do excellento chocote e do excellento chocote
lat Lacta, fabricados oute lat Lacta, fabricados oute
S. Paulo pelos Srs. Zas. Paulo pelos Srs. Zas.
notta Leocirio & Cianotta Leocirio & Cianotta
A Comititaria Brasil fazi Comititaria Brasil fazi



Hist. Rev. Pelotas Número 30/2 p.1-148 jul. 2025

ISSN 2596-2876





Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas

Reitoria

Reitora: Ursula Rosa da Silva

Vice-Reitor: Eraldo dos Santos Pinheiro

Chefe de Gabinete: Renata Vieira Rodrigues Severo

Coordenação de Assuntos Estratégicos:

Marco Aurélio Romeu Fernandes

Coordenação de Assuntos Institucionais:

Daniel Bruno Momoli

Assessores do Gabinete da Vice-Reitoria:

Gustavo Dias Ferreira, Jocasta Soares dos Santos

Pró-Reitor de Ensino: Antônio Maurício Medeiros Alves

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Marcos Britto Corrêa

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Fábio Garcia Lima

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Josy Dias Anacleto

Pró-Reitora de Planejamento e Administração: Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: Claudia Daiane Garcia Molet

Superintendência de Gestão de Tecnologia da Informação e Comunicação: Christiano Martino Otero Avila

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: Vinícius Farias Campos

Superintendência do Campus Capão do Leão: José Rafael Bordin

Superintendência de Gestão Administrativa: Mariana Schardosim Tavares

Superintendência de Infraestrutura: Everton Bonow

Superintendência do Hospital Escola: Tiago Vieiras Collares

Editora UFPel – Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências

Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências

Exatas e da Terra: Eder João

Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos

Representantes da Área das Ciências

Biológicas: Rosangela Ferreira

Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das

Engenharias: Reginaldo da Nóbrega

Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Jucimara Baldissarelli e Zayanna Christina Lopes Lindoso

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas:

Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas:

Charles Pereira

Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo

Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétierville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)
Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Dra. Daniele Gallindo (UFPel); Dra. Lua Gill da Cruz (PUC-RJ); Dra. Pilar Lago e Sousa (UFG)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Canudos. Registro dos prisioneiros do arraial, no interior da Bahia, em 1897. Foto: Flávio de Barros/Museu da República.

Pareceristas ad hoc: Ana Rüsche (Unb); Camila Carvalho (UFMG); Felipe Ribeiro (UFPE); Gabriel Fernandes de Miranda (UEPA); João Ourique (UFPel); Letícia Cristina Alcântara Rodrigues (UFG); Maria Carolina Casati Digiampietri (Usp); Mauro Gabriel Morais da Fonseca (UFJF); Nima Spigolon (Unicamp); Paulo Possamai (UFPel); Pedro Gabriel Torres de Assis (UFOP); Rodrigo Águeda Bandeira Cardoso (UFF); Rodrigo de Freitas Faqueri (IFSP); Stephen Basdeo (Elizabeth School of London); Suzana Vasconcelos (Universität Tübingen); Thiago Magela (UNEMAT); Valéria Ignácio (PUC-SP); Vinícius Rangel Bertho da Silva (PUC-SP); Virgínea Novack Santos da Rocha (PUC-RS).

Editora e Gráfica Universitária

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2025/2

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História e Literatura : Diálogos e Reflexões) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.2, jul. 2025. – Pelotas: UFPel/NDH, 2025 – 148 p. ; 1,6 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Literatura 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO PRESENTATION <i>Daniele Gallindo</i> <i>Lua Gill da Cruz</i> <i>Pilar Lago e Sousa</i>	07
CRÔNICAS MACHADIANAS: AS CRÔNICAS LITERÁRIAS COMO FONTES HISTÓRICAS MACHADO DE ASSIS'S CHRONICLES: LITERARY CHRONICLES AS HISTORICAL SOURCES <i>Claudia Teixeira Façanha</i> <i>Lucia de Souza Teixeira Costa</i>	10
POSSÍVEIS DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA POSSIBLE DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE <i>Derocina Alves Campos Sosa</i>	34
INTERSECÇÕES BRASIL-ANGOLA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE <i>SOMBRAIS DE REIS BARBUDOS</i>, DE JOSÉ J. VEIGA, À LUZ DO CONTO “GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!”, DE BOAVENTURA CARDOSO BRAZIL-ANGOLA INTERSECTIONS: AN ANALYSIS OF THE NOVEL <i>SOMBRAIS DE REIS BARBUDOS</i> , BY JOSÉ J. VEIGA, IN LIGHT OF THE SHORT STORY “GAVIÃO VEIO DO SUL E PUM!”, BY BOAVENTURA CARDOSO <i>Júlio César Kohler Damasceno Baron</i> <i>Rogério Max Canedo</i>	47
FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA IDENTIDADE NACIONAL EM <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i>, DE MOACYR SCLiar FIGURATION OF HISTORY AND NATIONAL IDENTITY IN <i>A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES</i> , BY MOACYR SCLiar <i>Luiz Felipe Voss Spinelli</i>	62
ENTRE PÁGINAS E CICATRIZES: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM <i>O PESO DO PÁSSARO MORTO</i> E NO COTIDIANO BRASILEIRO BETWEEN PAGES AND SCARS: VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE WEIGHT OF THE DEAD BIRD AND IN EVERYDAY LIFE IN BRAZIL <i>Lucas Matheus Araujo Bicalho</i> <i>Luís Fernando de Souza Alves</i> <i>Mauricio Alves de Souza Pereira</i>	76
PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNLEY PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNLEY <i>Maria Vitória Dias Collares</i> <i>Adriano Diniç Comissoli</i>	92

**A CONSTRUÇÃO DO PIRATA DA ERA MODERNA: INTERAÇÕES ENTRE
HISTÓRIA, LITERATURA E O IMAGINÁRIO COLETIVO**
THE CONSTRUCTION OF THE MODERN ERA PIRATE: INTERACTIONS BETWEEN
HISTORY, LITERATURE, AND THE COLLECTIVE IMAGINATION
Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira **113**

**MARGUERITE DURAS SOB O FEITIÇO DE JULES MICHELET: O PENSAMENTO
DO HISTORIADOR NA POÉTICA DURASIANA**
MARGUERITE DURAS UNDER THE SPELL OF JULES MICHELET: THE HISTORIAN'S
THOUGHT IN DURASIAN POETICS
Rafaela Faria Vianna **132**

PRIVACIDADE EM PRÁTICAS DE ESCRITA FEMININA NA INGLATERRA DO SÉCULO XVIII: O DIÁRIO E AS CARTAS DE FRANCES BURNEY

PRIVACY IN FEMALE WRITING PRACTICES IN 18TH-CENTURY ENGLAND: THE DIARY AND LETTERS OF FRANCES BURNEY

Maria Vitória Dias Collares¹

Adriano Diniç Comissoli²

Introdução

O presente estudo analisa as práticas de escrita privada de Frances Burney por meio de seu diário e de suas cartas particulares redigidos entre 1768 e 1778. Esta escritora inglesa da virada do século XVIII para o XIX conheceu um sucesso invulgar para o período, publicando romances a partir de 1778 e redigindo peças teatrais, das quais ao menos uma foi encenada. Em especial, suas obras têm o mérito de influenciar Jane Austen a escrever seus livros.³ Contudo, antes de escrever e publicar suas obras literárias e públicas, Burney manteve um diário pessoal, no qual começou a escrever em 1768, poucas semanas após seu aniversário de 16 anos, além de se corresponder por cartas com diferentes pessoas. Nossa abordagem valoriza esta escrita pessoal e privada como um importante desenvolvimento de suas ideias e de suas habilidades literárias, exercício que se estendeu por

Resumo: O presente trabalho analisa as práticas de escrita privada feminina no século XVIII. Seu objeto são o diário e as cartas particulares da jovem aristocrata Frances Burney. A partir do gênero literário particular e epistolar nos dirigimos a pensar a educação feminina como condicionante da privacidade na Inglaterra setecentista, analisada no registro e na comunicação de pensamentos e de sentimentos de uma integrante da sociedade inglesa. Os documentos analisados foram produzidos entre 1768 a 1778 e exibem a tensão entre as regras da sociedade e as aspirações de uma jovem inglesa que, ao articular-se entre o privado e o público, capacitou a si mesma no gênero literário do romance enquanto amadurecimento feminino.

Palavras-chave: Diário. Cartas. Escrita feminina. Práticas de escrita. Privacidade.

Abstract: This paper analyzes the practices of private female writing in the 18th century. Its focus is the diary and personal letters of the young aristocrat Frances Burney. Through the lens of private and epistolary literary genres, we aim to reflect on female education as a determinant of privacy in eighteenth-century England, examined through the recording and communication of thoughts and feelings by a member of the English society. The documents analyzed were produced between 1768 and 1778 and reveal the tension between societal rules and the aspirations of a young Englishwoman who, by navigating between the private and the public spheres, empowered herself within the literary genre of the novel as a form of female maturation.

Keywords: Diary. Letters. Female Writing. Writing Practices. Privacy.

¹ Bacharela em História pela Universidade Federal de Santa Maria e Graduanda em História Licenciatura pela mesma instituição. E-mail: maria.collares@acad.ufsm.br

² Professor do Departamento de História, UFSM. Doutor em História Social pela UFRJ. E-mail: adriano.comissoli@ufsm.br

³ Quando a carreira literária de Burney foi lançada com a publicação extremamente bem-sucedida de Evelina em janeiro de 1778, Austen tinha apenas dois anos. Quando Burney publicou Camilla em 1796, Austen tinha vinte anos e já era uma autora ambiciosa, embora ainda não publicada. A senhorita J. Austen, de Steventon, foi uma das assinantes de Camilla. Apenas dois meses após sua publicação, Austen escreve à irmã Cassandra: “Amanhã estarei exatamente como Camilla na casa de verão do Sr. Dubster; pois meu Lionel terá levado a escada pela qual cheguei aqui, ou pelo menos

cerca de uma década antes da publicação de livros dedicados a um público aberto. No diário, Frances relatava acontecimentos cotidianos, os quais reinterpretava ao mesmo tempo em que procurava reconstruí-los detalhadamente. A análise do diário visa compreender os dispositivos da escrita para si, que será contrastada com a epistolografia disponível nas cartas trocadas com integrantes da família e do círculo de amizades. A investigação do diário e das cartas de Frances Burney antes de sua fase romancista é uma maneira de nos aproximarmos de práticas de escrita privada exercida por uma mulher inserida na sociedade inglesa do século XVIII.

Nossa hipótese é de que seus escritos permitem acessar suas opiniões, anseios, questionamentos e receios quanto a si mesma e quanto a se tornar uma escritora pública, bem como avaliações sobre sua família, seus conhecidos e sobre a sociedade. Estes são elementos que surgem na obra de Frances Burney ao narrar o desenvolvimento emocional de mulheres de seu tempo, sinalizando uma comunicação entre a experiência de vida e a ficção. Portanto, estudamos uma jovem Frances Burney, utilizando seus escritos em cartas e em seu diário de 1768 a 1778. Trata-se da jovem solteira, ainda morando com seu pai e antes de se tornar escritora e assumir posições na corte, mas que já se articulava na sociedade inglesa do século XVIII, emitindo julgamentos sobre práticas em voga. Considerando que o diário e as cartas se configuram como uma forma de escrita privada, nosso trabalho também abarca privacidade e sua influência na escrita das mulheres inglesas do século XVIII a partir das considerações de diversos autores e, também, a partir da escrita da nossa protagonista.

Frances Burney, denominada Madame D'Arblay a partir da década de 1790, era filha de Charles Burney ou Dr. Burney, nascida em 13 de junho de 1752 em Norfolk, Inglaterra. Aos 26 anos publicou o primeiro de seus quatro romances, *Evelina* (1778), o qual foi seguido de *Cecilia* (1782), *Camilla* (1796) e *The Wanderer* (1814). Tratam-se de narrativas centradas em personagens femininas que transitam no meio da alta sociedade inglesa, apontando as contradições da mesma por meio da sátira. *Evelina* teve sucesso imediato e Burney figurou entre os literatos e intelectuais de seu período. Antes do rápido sucesso e da progressiva projeção social e literária, Frances já desenvolvia a literatura e a escrita em outros círculos, em especial o familiar e o de suas amizades.

Frances foi a terceira a nascer no grupo de seis filhos do Dr. Burney. A prole consistia em uma família turbulenta, brincalhona e imaginativa, que viveu primeiro na *Poland Street*, no centro do movimentado *West End* londrino; depois na mais tranquila *Queen Square*, numa casa grande e elegante. Esther, a primogênita apelidada “Hetty”, destacou-se no cravo e aos dez anos já tocava diante de público pagante. Susanna ou Susan, a terceira menina, tinha um bom ouvido para música e cantava bem. O pai inspirou nos filhos o amor pelos livros: James, o segundo a nascer e primeiro dentre os homens, era apegado à literatura, embora tenha mostrado apreço pela matemática (CHISHOLM, 2007). Longe de serem gênios, os Burney demonstram o quanto a combinação entre tempo livre e boas condições econômicas oferecia oportunidades de aprimoramento aos indivíduos, refletindo algo das exigências de contenção e civilidade do seu tempo (GLUCKEL,

pela qual pretendia sair, e aqui devo permanecer até seu retorno” (BANDER, 2005). Tradução nossa.

2011).

Charles Burney, o pai, era um músico conhecido e prestigiado, desfrutando de posição social que possibilitava o contato e convivência de sua família com outros artistas e intelectuais. Frances conheceu pessoas como o lexicógrafo Dr. Samuel Johnson, os dramaturgos Samuel Crisp e Richard B. Sheridan, e os atores David Garrick e Samuel Foote. Após o sucesso literário, ela também compôs a Corte do Rei Jorge III da Grã-Bretanha (1760-1820), servindo como Guardiã de Vestes da Rainha Charlotte por cinco anos (CHISHOLM, 2007). Casando-se tarde para os padrões sociais da época, aos 41 anos, ela teve muito tempo para dedicar-se ao convívio social e à observação da sociedade, algo que iniciou já em sua juventude.

O diário de Frances Burney indica que desde cedo ela se dedicou intensamente à leitura e à escrita como forma de entretenimento e de reflexão. Da mesma forma, suas cartas aos familiares e amigos demonstram seu cuidado na construção de ideias e na avaliação daqueles ao seu redor muito antes de sua carreira literária ter início com a publicação anônima de *Evelina, Or the History of a Young Lady's Entrance into the World*. Na obra, a trajetória da jovem mulher ficcional abre a possibilidade de se examinar e refletir acerca do contexto histórico, social e literário da Inglaterra do século XVIII (RAMOS, 2022). Sob essa perspectiva, o mesmo pode ser dito da própria Frances Burney, através de suas escritas em seu diário e suas cartas.

Escrita feminina na modernidade

Como aponta Anita Pacheco (2002), historiadores da literatura costumam manter a ideia-força comum às décadas de 1920 e de 1930, de que as primeiras escritoras modernas existiram em um contexto de uma estrutura social patriarcal e hierárquica, no qual a imposição de ideais de castidade, silêncio e obediência limitavam o trabalho criativo a agulhas e fios. No entanto, Pacheco afirma que o afastamento da pena e do papel não podem mais ser considerados um delineamento preciso da participação das mulheres na cultura literária do início da modernidade, visto que historiadores e historiadoras vêm recuperando números significativos de textos de mulheres em diferentes formas, manuscritos e impressos.

Os trabalhos de Fernando Bouza (2005) e Antonio Castillo-Gómez (2014), focados na Espanha, e as múltiplas contribuições de Robert Darnton (2001, 2021) para a França setecentista, mostram uma presença feminina expressiva nas manifestações escritas, manuscritas e impressas. Embora não sejam cegos para a desigualdade do acesso à escrita, são pesquisadores que não ignoram o número relevante de mulheres que faziam uso dessa tecnologia. Mitiele Seixas da Silva (2022), filósofa interessada na epistemologia de ideias do século XVIII, tem destacado a importante obra de Émilie du Châtelet (1706-1749), marquesa de Châtelet-Laumont, composta de não menos de doze publicações, incluindo a tradução ao francês da obra de Isaac Newton.

É certo que no século XVIII a leitura e a escrita fugiam de ser uma prioridade para todas as mulheres. Martine Van Elk afirma que as escritoras inglesas eram comumente membros da

nobreza ou da gentry, considerando que seu grau de educação durante a infância e a adolescência dependia do seu status social e de riqueza, combinados com o interesse de seus pais pela educação feminina. (ELK, 2017). Diante disso, cabe ressaltar que, apesar das condições financeiras presumivelmente boas da família Burney, eles não eram membros da nobreza. Indo de acordo com Paul Langford, os Burney poderiam ser considerados classe média e, apesar das mulheres da classe média terem participado de oportunidades literárias e sociais do período, eram excluídas de ter a literatura como um trabalho remunerado (LANGFORD, 1989). Corroborando essa suposição, a autora Monika Ruprechtová nos traz que o status social da família Burney baseava-se unicamente em seus próprios méritos, pois não possuíam grande riqueza nem conexões familiares influentes. O pai de Frances, Charles Burney, teve sucesso em sua carreira e, por isso, pôde sustentar a família e seu estilo de vida refinado; no entanto, não conseguiu garantir o futuro de seus filhos, especialmente no que dizia respeito às filhas (RUPRECHTOVÁ, 2020). Portanto, percebe-se que, mesmo para a família Burney, era desejado que as filhas conseguissem bons casamentos a fim de garantir a vida material.

Para Angeline Goreau (1985) um dos impedimentos mais proeminentes para a carreira literária era a visão amplamente difundida de que o conhecimento e, portanto, a literatura, pertenciam à esfera masculina. Tratava-se de um campo social fechado à atuação feminina. Seriam homens como Juan Luis Vives que definiriam boa parte da educação das mulheres no século XVI, direcionada a instruí-las nos limites de seus domínios – o círculo privado do lar – e impor a importância de uma postura casta. Apesar de ocupar-se de período anterior ao XVIII é possível considerar a manutenção da imposição masculina quando Goreau menciona que no começo do setecentos as circunstâncias da educação das mulheres permaneciam similares, tendo em consideração a composição de *Occasional Thoughts in Reference to a Virtuous or Christian Life*, por Lady Damaris Masham em 1705. “A informação e melhoria da compreensão é comumente muito pouco pensada em referência ao (nossa) sexo como um todo”, vaticina a historiadora.

Não há motivos para relativizar a imposição de comportamento casto e recatado, especialmente para as filhas de famílias aristocratas. Tal padrão faz parte da imposição do papel social restrito ao trabalho reprodutivo, conforme assinalado por Silvia Federici (2017). Nas famílias inglesas de classe média, por exemplo, podemos observar a preocupação com a “polidez”, conforme aponta Paul Langford. Esta, evoca algumas características familiares da sociedade georgiana: sua visão civilizada, ainda que secular; sua confiança em um código moderado de conduta; seu apego à elegância e à imponência; sua política oligárquica e suas modas aristocráticas. Para o autor, o luxo e o refinamento alcançaram até mesmo famílias relativamente humildes. A afluência generalizada, a busca por um status distinto e a aquisição de boas maneiras uniram, em certa medida, uma classe que, em outros aspectos, parecia diversa (LANGFORD, 1989).

Natália da Silva Perez (2024) se debruça sobre uma leitura que valorize as restrições aplicáveis à participação feminina na literatura, o que possibilita estudar o conhecimento privado e as práticas de mulheres de elite. Seu objetivo é desvendar a produção privada de conhecimento enquanto condição de legitimidade para reivindicar exclusividade e status. A figura de Lady Jane Lumley,

uma jovem de família nobre que viveu na Inglaterra na metade do século XVI, acessa práticas de estudo fomentadas e moldadas pelas aspirações políticas de sua família. Lady Jane relata ao pai em carta o quanto apreciava os estudos e se orgulhava de aprimorar suas habilidades, algo que ela conseguia fazer, pois tinha a seu alcance a privacidade e os recursos da estirpe nobre preocupada com a sua educação, o que mantinha sua formação intelectual no círculo privado da família e em harmonia com o sistema social. Não apenas a educação era restrita às camadas mais nobres como, principalmente, o incentivo de familiares e amigos homens era necessário para a prática de conhecimento pelas mulheres. Contrastando com Frances Burney, isso é perceptível ao observarmos que, além das boas condições da família, seu pai também era escritor e um grande entusiasta da educação literária e a incentivou junto aos filhos e filhas. A maioria das escritoras, portanto, vieram de ambientes sociais com suficientes oportunidades de lazer, tempo e riqueza para proporcionar uma sólida educação literária.

Anita Pacheco (2002), por sua vez, nos traz Elizabeth Bury (1644-1720), outra personagem que demonstra a prática de escrita das mulheres na modernidade. Nascida em uma família confortável, mas não aristocrática, assim como Burney, dedicou sua vida a estudar “quase todas as coisas... tendo prazer contínuo em ler e conversar”. Após sua morte, seu marido imprimiu algumas partes de seu diário no qual escrevia pela manhã e à noite, registrando eventos corriqueiros e impressões pessoais. (PACHECO, 2002). Semelhante a este são as memórias de Glückel de Hameln (2011), uma viúva judia e mãe de catorze filhos dos principados alemães. Assemelhando-se a um diário pessoal, sua redação iniciou em 1690 e finalizou em 1719, com longos intervalos de silêncio, os quais sugerem diferentes posturas em relação à recordação ao longo da vida. A estrutura do diário, contudo, sugere que era uma peça dedicada aos filhos, considerando seu início após a morte do marido e os conselhos de cunho moral e religioso. Tratava-se de uma obra ao público familiar, a qual veio a ser publicada em 1896, longe de sua proposta original.

Entre as mulheres que ascenderam como escritoras no início da era moderna, Goreau destaca Aphra Behn, (1640-1689), a primeira mulher inglesa a ganhar a vida com a sua pena (GOREAU, 1985). Ela teve 17 peças de teatro produzidas ao longo de 17 anos, 13 romances e diversas coleções de poemas e traduções publicadas. A carreira de Aphra Behn significa um divisor de águas na história da escrita feminina, capaz de inspirar outras mulheres a escrever visando a publicação e o público aberto. Dentre elas, Elizabeth Singer Rowe (1674-1737), que publicou anonimamente, contudo, a autoria era amplamente difundida e a escritora desenvolveu um grande círculo de admiradores. Elizabeth recebeu grande apoio de seu pai, Thomas Rowe, admirador das habilidades literárias da filha e seu importante incentivador.

A partir das análises de Goreau, Pacheco, Van Elk e Perez identificamos mulheres que escreveram quando o trabalho intelectual feminino começou a atingir um público mais amplo, por meio da publicação impressa. Essa performance social dependia, via de regra, da combinação de status, conexões, e de quão bem suas ideias se encaixavam nas normas esperadas e nas tradições acadêmicas (KÄFER, 2024). Quando essas mulheres conseguiam fazer suas obras circularem para

além do círculo privado de familiares e amigos, optavam por publicá-las de forma anônima, muitas vezes omitindo seu sexo. Não raro, dependiam de certa patronagem ou apoio masculino, um elemento que tensionava o quanto transgressora podia se manifestar sua escrita.

O diário de Frances Burney

Como bem colocou Tânia Regina de Luca (2009), a escrita, como ferramenta de uso social, pode salvar do esquecimento e fixar no tempo os vestígios do passado, e assim, escrever se constitui em uma produção de memória e em instrumento de construção do passado. Para ela, a partir de 1980, a proposta da História Cultural valorizou os diários pessoais como documentos a partir dos quais se torna possível “capturar sensibilidades do passado”, pois, como toda escrita pessoal, eles são atravessados pelas tensões e dilemas do mundo em que se inserem.

Sob essa perspectiva, a partir dos diários, pode-se compreender as práticas culturais de uma época, bem como entender como as estruturas sociais atravessam vidas comuns, gerando pensamentos, angústias, desejos e questionamentos. Esses documentos de escrita pessoal entram em cena como fonte histórica por conterem registros de práticas sociais que partilham da constituição de um regime de historicidade, ou seja, expõem as formas como os indivíduos em sociedade administravam seu dia a dia ao mesmo tempo em que o registro escrito possibilita avaliar os valores sociais de uma época (LUCA, 2009).

Para a Idade Moderna, interioridade, individualidade, intimidade e sigilo têm sido vistos como novas conquistas do início do período e, embora o registro espiritual seja o mais comum para a época, ele não é o único. Como destaca Amanda Vickery (2021) o conteúdo religioso predomina nos primeiros manuscritos femininos modernos, definitivamente, mas isso pode ser uma função do que sobreviveu em oposição ao que foi escrito. A hipótese é de que as famílias estariam mais dispostas a armazenar registros que demonstrassem piedade exemplar do que aqueles que detalhavam uma competência comum ou uma apreciação entusiástica do mundo. Da mesma maneira, anotações divergentes ou subversivas podem ter sido destruídas a fim de evitar acusações e preservar imagens. Outros gêneros de escrita privada do período incluíam o livro de lugar-comum, o relatório de progresso secular encorajado pela literatura de conduta georgiana e pelo livro de contas. Ainda conforme a autora, ao adquirir um diário, os indivíduos demonstravam que faziam parte da expansão da nação alfabetizada, metódica e civilizada e, para além disso, os diários representavam um equilíbrio entre a mesmice e a autoexpressão, uma atenção às pequenas diferenças dentro da conformidade.

Em concordância com Vickery, Tânia Regina de Luca coloca que a significativa produção de diários pessoais coincide com a ascensão política e social da burguesia e com o consequente desenvolvimento da vida urbana, aliados aos progressos de alfabetização feminina a partir dos finais do século XIX. A casa burguesa com seus espaços individualizados, em especial com o favorecimento de um lugar privado para escrever, criava um refúgio para a intimidade. Dessa forma, pode-se observar que a condição material permitiu e, sobretudo, estimulou a escritura do diário íntimo. Luca afirma que a afirmativa de que o diário é uma forma de escrita praticada por

mulheres burguesas pode ser respaldada quando se tem em vista que, em contrapartida, as mulheres das classes populares ficavam geralmente excluídas, pois careciam de condições que lhes garantissem maior intimidade ou isolamento, além de terem pouco acesso à escolarização.

Em 1840, quando Frances Burney faleceu, além de suas obras literárias, deixou para trás sete volumes dos seus diários pessoais em perfeito estado. Segundo Susan Civale, além de estarem intactos, tais diários foram propositalmente preparados para a imprensa e então quando foram impressos, dois anos após sua morte, transformaram a recepção póstuma de Frances Burney.

Cativando a imaginação pública vitoriana com relatos em primeira mão de uma mulher georgiana que passou do anonimato à celebridade literária, conviveu com literatos de sua época e assumiu um cargo na corte do rei George III, seu diário foi instantaneamente um sucesso. Ao mesmo tempo, abriu a porta para críticos para reavaliar esta romancista à luz de sua vida privada. (CIVALE, 2011)⁴

Até o momento consta o diário de Frances Burney consta como primeiro diário feminino a ser publicado e suscita em seus leitores uma mistura de curiosidade, ansiedade, carinho e intimidade. Paradoxalmente, Burney visualizou e planejou a publicação de seu livro pessoal, deixando instruções explícitas para que sua sobrinha, Charlotte Barrett, encaminhasse o manuscrito aos editores. Burney a permitiu que abreviassem livremente o que achassem necessário, mas proibiu a adição de qualquer coisa. De acordo com Civale, Burney desejava que seu diário permanecesse não diluído pelas palavras de outros. Segundo John Wilthshire (2007), o *Journal and Letters* de Frances Burney inaugurou uma tradição de narrativa autobiográfica feita vagamente à maneira de um romance epistolar e foi construída a partir de diversos materiais, incluindo cartas de correspondentes. Como nos lembra John Brewer, a biografia literária estava em alta no século XVIII, especialmente a partir da obra de Samuel Johnson, *Lives of the Poets* (1779-1781), um dos trabalhos biográficos mais importantes do período.

O autor — ou, pelo menos, alguns autores — havia se tornado objeto de fascínio público. Seus assuntos privados, temperamento, horas de lazer e manias despertavam interesse não de maneira trivial ou lasciva [...], mas porque ajudavam a explicar a natureza singular da obra do autor. (BREWER, 2013)⁵

A publicação da série de pequenas biografias de escritores deve ter influenciado Frances Burney. Considere-se que foi publicada quando ela mantinha seu diário há mais de dez anos e após sua primeira publicação, em 1778. Adicione-se o fato de Samuel Johnson dedicar-se a coletar biografias por décadas e ter convivido e admirado o material da escritora. É factível que tenham discutido diretamente o valor da biografia e da escrita de diários enquanto categorias literárias,

⁴ Tradução nossa.

⁵ Tradução nossa.

dividindo sociabilidades que os permitissem interagir.

As instruções de Burney para a publicação de seu diário nos remetem a pensar a obra em camadas. De um lado, tratam-se de anotações pessoais, inicialmente direcionadas a organizar seus pensamentos e emoções. De outro, o cuidado em direcionar o modo de serem apresentados, a decisão consciente de encaminhá-los à publicação sugerem que o texto foi revisitado ao longo da vida, ainda que não haja avaliações sobre edições da autora. Nos apoderemos aqui da pontual colocação de John Brewer:

O que ele escrevia não lhe pertencia de fato: era concebido por outra pessoa e tinha valor apenas como parte de um todo maior. [...] O escritor não era o autor, mas uma figura mutável, cujo valor residia em sua capacidade de assumir diversos papéis autorais. Essa distância entre escritor e texto não favorecia a honestidade. (BREWER, 2013)⁶

Tendo isso em vista, cabem algumas reflexões. Frances escrevia para si ou escrevia para si projetando outros leitores? A publicação bem-sucedida de seus romances pode ter inspirado o projeto de publicação do diário? Considerando nossa limitação ao diário nos anos que precedem sua ação como escritora, nos concentraremos na primeira pergunta: quem⁷ Frances Burney tinha em mente ao redigir seu diário.

O diário inicia expressando o impulso de Frances em escrever para alguém que ela confiasse completamente e, assim, decide escrever à *Nobody*, ou seja, ninguém.

A quem, então, devo dedicar minhas maravilhosas, surpreendentes e interessantes aventuras? – a quem ouso revelar a minha opinião privada sobre as minhas relações mais próximas? os pensamentos secretos dos meus amigos mais queridos? minhas próprias esperanças, medos, reflexões e desgostos – Ninguém! (BURNEY, 2001)

Aqui, percebe-se que Burney tinha total noção de que haviam coisas que deveriam ficar restritas. A confissão de sua opinião privada e pensamentos secretos requer a existência de plena confiança, ou seja, a comunicação é antecedida a um fluxo de reciprocidades que permite prever comportamentos. De modo chocante, Frances anuncia que não dispõe de tal interlocutor. A proteção requerida para as confissões era não somente privada, mas secreta. Algumas palavras, mesmo quando expressas por uma mulher nobre, podiam incorrer em censura social ao desafiar as normas de gênero de sua época, como sustenta Waxin (2024). A postura de Burney pode ser analisada como uma defesa, uma precaução.

Não obstante, a prática de escrita de Burney é ambígua. Nota-se a ironia fina de anunciar que sua vida é composta por “maravilhosas, surpreendentes e interessantes aventuras”, uma afirmação

⁶ Tradução nossa.

⁷ Tradução nossa.

que pode ser entendida como desafio ao *status quo* de uma mulher, de classe média bem estabelecida, limitada a assuntos cotidianos e sem repercussão social relevante. A jovem parece testar os limites do socialmente aceitável. Ao mesmo tempo em que há a declaração de desconfiança generalizada ao mundo – suas esperanças, medos, reflexões e desgostos só podem ser confiados a ninguém – as confissões para *Nobody* se tornaram uma carta-diário, que passou a circular por um seletíssimo grupo de familiares e amigos. Esta iniciativa torna o ninguém pessoal e secreto um alguém coletivo e nomeável. Queremos escapar à teleologia na qual já se figurava no diário a escritora de romances, porém, é convidativo pensar que a redação e circulação das anotações possam ter servido de aprendizado para o desenvolvimento da escrita de Frances, transitando do segredo para a privacidade e demonstrando que ao fim havia um círculo de confiança da jovem.

Elá escreveu sobre suas próprias experiências copiosamente, até mesmo obsessivamente e colecionou “personagens” e incidentes famosos. John Wiltshire coloca que os escritos da vida de Burney existem simultaneamente em dois gêneros diferentes, como cartas e como registros históricos, compilados com um olhar semiconsciente para o futuro (WILTSIRE, 2007). Wiltshire define muito bem o diário e as cartas ao abordar que esses documentos sintetizam, portanto, um paradoxo: são comunicações privadas que, ao mesmo tempo, ostentam as experiências da jovem e inserem seu autor na história. Abrigados dentro da família, são anúncios de uma pessoa que sentiu que suas próprias experiências eram intensamente importantes e, cada vez mais, assuntos de interesse público: necessitavam vir à tona e ser comunicados. Nesse caso, o termo amplo “diário” é usado para todos os escritos de sua vida, diários, cartas, “cartas-diário”, narrativas, etc. Percebemos que a redação de gêneros cotidianos e manuscritos – diário e cartas – anunciam a tensão constante entre o privado e o público. Esta tensão se amplia quando consideramos que a autora decidiu pela publicação do material. Não é possível afirmar que aos 16 anos Frances já ambicionasse publicar seu diário, mas podemos conjecturar que a redação privada considerava um eventual vazamento de opiniões (WARD, 2001).

Susan Civale (2011) chama a atenção para a relação entre a publicação do diário e o gênero feminino, colocando que devido à natureza pessoal da escrita de vida e da geração de preconceitos que acompanhavam a autoapresentação pública das mulheres, a publicação do Diário e Cartas de Madame D'Arblay dificultou a recepção literária de Burney, pois permitiu aos leitores confundir a categoria do literário e do pessoal. A partir do diário, eles poderiam agora avaliar tanto Burney, a autora, quanto Burney, a mulher, comparando seu comportamento com padrões contemporâneos variados de feminilidade e cumprimento do papel feminino.

No próprio ato de distribuir seu diário para consumo público, uma mulher pode já estar ultrapassando seus limites. Esferas de ideologia separadas afirmaram que a mulher atua como facilitadora e fonte de redenção moral dentro da casa de sua família. Aplicando as qualidades de pureza dadas por Deus, gentileza, bondade e paciência, ela deve elevar e apoiar seus pais e irmãos ou seu marido e filhos. Seus

deveres e, implicitamente, seus status e valor são definidos afetivamente, por meio de sua relação emocional com aqueles ao redor (CIVALE, 2011).⁸

Questões de gênero estão fortemente presentes no diário de Burney. Em maio de 1770, a escritora visitou cinco amigas, irmãs entre si, das quais três eram casadas e duas solteiras (uma delas sendo mãe). Burney registra seu espanto com a criação do menino e questiona: “A pobre criança pertence a um sexo suficientemente propenso a crueldade, é para as mulheres tão cedo assim encorajá-lo?”.

[...]elas o ensinaram a falar, como um papagaio, apenas as palavras que elas ditam; elas o fazem afetar a linguagem de um homem e depois se gabam de que nenhuma criança jamais falou como ele, e qual é o efeito dessa singularidade, senão fazê-lo parecer afetado, problemático e antinatural? Quão infinitamente mais amável é a simplicidade e a ingenuidade nativas com que as crianças nascem! Então permitem que ele se divirta à vontade com todos os insetos – Moscas, Borboletas – pobres animaizinhos – a tortura que ele deu a um dos últimos realmente me deixou tão doente que não consegui me recuperar a noite inteira (BURNEY, 2001).⁹

O tom de censura é evidente. Frances destaca a crueldade a que os homens aderem, deixando entrever que a percebe como um atributo social, que lhes é ensinado, em oposição à sua ingenuidade original. Em consequência denota a repugnância em incentivar o crescimento precoce de uma criança em direção aos vícios masculinos. Mas há igualmente a crítica ao comportamento feminino frívolo, que trata crianças como brinquedos ou como animais de estimação e que descuida de estimular uma atitude mais simples e compreensiva. Percebe-se um pouco das “reflexões secretas” da jovem: a discordância como a sociedade impõe papéis sociais desiguais e a submissão feminina em trabalhar favoravelmente aos mesmos.

Outro assunto que aparece frequentemente em seu diário é o matrimônio. De maio a junho de 1775, Frances foi cortejada por Thomas Barlow, membro de uma família classificada por sua irmã Esther como “muito estúpida”. Frances não gostou de Barlow, porém, sua avó e suas tias tentaram convencê-la a dar uma chance a ele, ameaçando-a do destino de solteira. Recorrendo ao diário, “Fanny” confessa que preferia mil vezes morrer uma “velha solteirona” do que se casar sem ser por afeição. A sugestão é que preservar uma espontaneidade individual e privada deve superar as convenções sociais.

Unir-me para a vida com um homem que não é infinitamente querido comigo é o que eu nunca, nunca conseguiria consentir. A não ser, de fato, que eu fosse fortemente obrigada por meu pai. Eu agradeço a Deus com muita gratidão que

⁸ Tradução nossa.

⁹ Tradução nossa.

ele não interferiu.¹⁰ (BURNEY, 2001)

Sabe-se a autoridade que a figura masculina, principalmente a do pai, tinha no século XVIII e Frances a reconhece: o pai poderia obrigá-la a agir contra sua vontade. Apesar disso, observamos a jovem bastante grata pela não interferência de seu pai em sua escolha de com quem e quando se casar. Podemos considerar que Frances tinha uma certa autonomia, bem como controle de sua vida amorosa. O fato dela casar somente aos 41 anos sugere que foi muito cuidadosa na seleção de um cônjuge, exercendo essa autonomia.

Alguns registros e estratégias literárias de Burney podem criar uma visão de que ela era uma mulher à frente de seu tempo, mas ainda estamos falando de uma mulher do século XVIII. Portanto, o modo conservador da feminilidade de Frances e sua seriedade intelectual combinavam muito bem com a figura da decorosa mulher de letras, figura que em 1778 carregava considerável poder cultural. A descrição e a posição reservada foram uma marca de sua vida: nem todos estavam autorizados a adentrar seu círculo de confiança, ela se resguardava bastante.

O sucesso de *Evelina*, combinado com a ajuda do pai, conquistou, posteriormente ao período de nossa análise, com que Frances fosse admitida no salão *Hester Thrale's Streatham*, que incluía Samuel Johnson, Joshua Reynolds e Edmund Burke. Em paralelo, ela foi bem recebida pelas importantes *Bluestockings*¹¹: Elizabeth Montagu, Elizabeth Carter e Hester Chapone. No círculo *Bluestocking*, particularmente, as escritoras receberam apoio ativo. Frances Burney foi acolhida por grupos intelectuais nos quais o gênero importava e mobilizava reflexões, ao mesmo tempo em que se nota tensão com um padrão de gosto literário aparentemente sem gênero. Portanto, sugere-se a importância do papel desempenhado pelo gênero ao longo de toda a carreira de Burney e que ela foi, também, inseparável de questões de gênero literário, bem como de sociabilidade literária.

As cartas de Frances Burney

Como coloca Adriana Angelita da Conceição (2011), a carta é um produto social e cultural e foi criada com o intuito de solucionar uma das necessidades humanas, a comunicação, pois, através de sua escrita foi possível, durante séculos, a comunicação entre ausentes. Portanto, participar da prática epistolar é comunicar-se, estar em contato com pessoas, dividindo pensamentos e emoções. Conceição debruçou-se sobre o estudo das cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio, analisando a expressão desse personagem para além de seu papel de vice-rei do Brasil. As cartas particulares permitem observar os diversos papéis sociais que foram representados por uma mesma

10 Tradução nossa.

11 Blue Stockings Society (Sociedade das Meias Azuis, em inglês) foi um movimento social e educacional informal de mulheres na Inglaterra em meados do século XVIII. A sociedade enfatizava a educação e a cooperação mútua. A sociedade foi fundada no início da década de 1750 por Elizabeth Montagu, Elizabeth Vesey e outras, como um grupo de discussão literária feminina, um passo revolucionário em relação às atividades tradicionais femininas, não intelectuais. Elas convidaram várias pessoas (mulheres e homens) para participar, incluindo o botânico, tradutor e editor Benjamin Stillingfleet. Uma história conta que Stillingfleet não era rico o suficiente para vestir o traje formal apropriado, que incluía meias de seda preta e, por isso, ele usava meias cotidianas de lã azul. O termo passou a se referir à qualidade informal das reuniões. Disponível em: <[Blue Stockings Society – Wikipédia, a encyclopédia libre](#)>. Acesso em: 18 jul. 2024.

pessoa. Além disso, Conceição destaca que foi possível conhecer um pouco mais do homem português setecentista, tendo contato com seus temores, incertezas e angústias ocasionadas pela sua função social. O exercício da função pública tem influência e é influenciado pelos afetos, pela vida íntima do indivíduo, há um entrelaçamento entre público e privado.

No caso de Frances Burney, os papéis sociais eram os de filha, de irmã e de uma mulher que circulava pela sociedade de classe média e de pequena nobreza e intelectual da Inglaterra do século XVIII. Frances Burney ocupava papéis sociais que também lhe causavam temores, incertezas e angústias, assim como em D. Luís de Almeida, algo que podemos constatar através do seu diário e de suas cartas.

James Daybell (2001) irá contrapor duas cartas escritas por mulheres, no século XV e no século XVIII. Escrita em meados do século XV, a carta ditada de Margaret Paston ao marido representa um modo de correspondência preocupado quase exclusivamente com negócios. Apesar de alguns elementos de coloquialismo, o estilo formal da carta impede qualquer conteúdo emotivo ou afetivo. A carta do início do século XVIII, escrita por Lady Mary Montagu para sua irmã, é detalhada, bastante arriscada e talvez intencionalmente humorística. Apresenta informalidade proposital e se mostra intimista.

Menos interessada do que Margaret Paston em cartas como um meio de transacionar e transmitir instruções, Lady Montagu utilizou a correspondência como veículo para longas descrições, narrativas e textos de viagem. Forneceu uma saída criativa para uma mulher impelida a escrever e 'entreter' uma audiência. (DAYBELL, 2001).¹²

Segundo o autor, a comparação desses dois exemplos aparentemente díspares de correspondência feminina indica, em certo nível, uma mudança na natureza das cartas como documentos ou textos do final da Idade Média e início da Idade Moderna. Momento de surgimento de formas epistolares mais pessoais e aumento da gama de usos privados, introspectivos e flexíveis para os quais as cartas foram empregadas. Por outro lado, evidenciam-se também as continuidades de certos aspectos da experiência feminina: a centralidade da família para a vida das mulheres e os padrões duradouros de relacionamentos. Mais significativo é o fato de que ambas as mulheres foram capazes de agir através de cartas, embora de maneiras muito diferentes: enquanto Lady Montagu escreveu sua própria correspondência, a carta de Margaret Paston foi escrita por Richard Calle, oficial de justiça dos Pastons (DAYBELL, 2001).

Daybell coloca que as cartas se prestam a uma ampla gama de análises: históricas, literárias, lexicais, paleográficas e de gênero. Conceição, por sua vez, além de considerar ambas as frentes de análise histórica e literária, agrega uma de pertinente importância: a análise social. Portanto, como documentos sociais voltados para estudos de gênero, elas são úteis como indicadores da alfabetização, qualidade dos relacionamentos familiares e outros, bem como interações sociais das

12 Tradução nossa.

mulheres em geral. Eles oferecem detalhes da vida das mulheres, seus papéis e seu envolvimento em uma variedade de atividades, sociais e religiosas, literárias e políticas. Estudados como textos ou amostras de escrita e material da cultura feminina, as cartas exibem exemplos de autoexpressão feminina (DAYBELL, 2001).

As cartas de Frances Burney eram, em sua maioria, destinadas a familiares e amigos. Uma das primeiras foi escrita para o seu pai, em forma de poema, em 23 de junho de 1769, quando Charles Burney conquistou seu doutorado em Música pela Universidade de Oxford.

Oh, ajudai-me, ó musas de todo o grau,
Oh, dai-me o tinteiro da amoreira,
Que foi cortada para o Autor de Ferney;
Oh, dai-me uma pena até o toco usada por Gray,
E papel que foi cortado no dia do nascimento de Milton,
Para escrever ao grande Doutor Burney!
Oh, Doutor! dos doutores, o Último e o Melhor,
Pela Fortuna mais honrado, distinto e abençoado,
E que estejas para sempre ao lado dela! (BURNEY, 2001).¹³

No entanto, se compararmos com a carta destinada à sua irmã, Susana Burney, que se estende de agosto a setembro de 1773, é possível perceber que a carta escrita ao pai tinha tom muito mais formal. Para a irmã, Frances contou sobre sua viagem para Teignmouth, Devon e descreveu lugares, pessoas e os passeios que pretendia fazer, relatou também agitação no mar durante a viagem e muito medo das grandes ondas. São detalhes que revelam as emoções da jovem frente ao mundo, seus limites diante da imensidão de possibilidades sonhadas e dos obstáculos. A formalidade ao pai transmite um orgulho contido, uma empolgação na medida do adequado à sociedade, enquanto que os pormenores para a irmã apresentam o âmbito das menores preocupações e as vulnerabilidades da existência humana. São códigos diferentes para interlocutores diversos.

Aventamos a hipótese de que a proximidade com a irmã contrastava com a hierarquia estabelecida frente ao pai. Essa ideia é reforçada pelas cartas que Frances escreveu para Samuel Crisp, em 1 de dezembro de 1774 e também em 2 de março de 1775, nas quais se refere ao pai sempre como Mr. Burney, atendendo ao respeito paterno. Novamente, Daybell propõe ideias interessantes, perguntando até que ponto o modo de escrita das mulheres foi afetada pelo gênero dos destinatários. Valendo-se do trabalho de Alison Wall, aponta que mulheres escreveram de modo diferente quanto se dirigiram a homens que não eram seus maridos do que quando se dirigiram a estes ou a mulheres.

Daybell aponta que a escrita humanista de cartas manuais incentivava “o cultivo de um estilo fácil e íntimo, e a expressão de sentimentos individuais de afeto”, gradualmente suplantando

13 Pequeno trecho do poema que Frances Burney enviou ao seu pai. Tradução nossa.

formas epistolares medievais que acentuavam distinções entre superiores e subordinados dentro da família (DAYBELL, 2001). Possivelmente, este ponto não estivesse completamente superado e seja um argumento que pode explicar a maior rigidez nas cartas de Burney para seu pai do que para sua irmã, visto que Charles Burney seria a figura “superior” da família.

Como aponta Jennifer Ward (2001) o uso de cartas como comunicação familiar era bastante difundido entre mulheres nobres na modernidade, muitas vezes para fornecer notícias e informações. Apesar dos elementos convencionais e formais, a correspondência familiar lança uma luz considerável sobre a natureza dos relacionamentos. As cartas oferecem uma oportunidade de aprender sobre as personalidades da mulher nobre e também dos membros de sua família. Portanto, as cartas dentro do núcleo familiar combinam convenções afetuosas com detalhes narrativos das notícias.

Além disso, detalhes em cartas esclarecem a proximidade das amizades. No caso de Frances Burney, podemos observar através das cartas a sua amizade com Samuel Crisp, para quem escreveu significantemente. Portanto, observa-se que, para além do núcleo familiar, as cartas também serviam para manter contato com amizades. Assim sendo, podemos considerar que as cartas se constituem, essencialmente, como comunicações privadas, no sentido de que se relacionavam com um pequeno e muitas vezes interrelacionado grupo de pessoas, bem como são capazes de fornecer uma visão pessoal sobre os correspondentes.

Agora, iremos nos propor a analisar a escrita em suas cartas em datas próximas às escritas em seu diário, a fim de observarmos semelhanças ou discrepâncias no modo de escrever, bem como em suas emoções. Assim, ao compararmos a escrita no seu diário em 15 de junho de 1769, um pouco antes do poema enviado ao seu pai, percebemos que Frances não estava se sentindo tão bem. Em seu diário, registra “Não me sinto de bom humor – vou sair e dar uma nova reviravolta no meu ânimo, e depois retomarei minha Pena” (BURNEY, 2001).¹⁴ Portanto, se considerarmos que o humor pode afetar a escrita, isso explicaria o tom mais “frio” e formal do poema para seu pai, escrito apenas oito dias depois. A localização no mês de junho, inverno inglês, adiciona o elemento ambiental, permitindo supor que frio e eventuais chuvas afetassem o humor da jovem.

Em carta a Samuel Crisp no dia 2 de março de 1775, podemos observar sentimentos e opiniões de Frances. Vale destacar, que Frances utiliza *My Father*, iniciando em maiúsculas, e também Mr. Burney para se referir ao seu pai, então talvez não fosse um padrão utilizar apenas Mr. Burney. Em seguida, Frances coloca que “foi um tanto notável que esta seja a segunda cantora da Capital Female que enviou uma mensagem para *solicitar* o conhecimento de meu pai” (BURNEY, 2001).¹⁵

14 Tradução nossa.

15 Tradução nossa.

Quanto ao Signor Colla, ele foi *tão* civilizado com meu pai! Tanto falava de sua *Fama* no Exterior, e do *ardente* Desejo que tinha da *Honra* de conhecer pessoa tão *célebre!* (BURNEY, 2001).¹⁶

Em ambas passagens, podemos observar Frances expressando um sentimento de orgulho pelo seu pai, principalmente se levarmos em conta as palavras destacadas por ela (em itálico). Mais adiante na carta, Frances Burney expressa sua opinião sobre a cantora que havia conhecido.

Seu comportamento era muito correto [...] embora não fosse difícil perceber que ela poderia se comportar de outra forma [...]. Acredito que ela permite que Gabriella seja uma rival; todo o resto do mundo ela considera com desprezo. Ela não tem nem curiosidade de ouvir nenhum canto além do seu (BURNEY, 2001).¹⁷

A partir deste trecho, constata-se que sua opinião privada não fica restrita apenas ao seu diário, Burney também as relata em carta. Provavelmente, sua amizade com Samuel Crisp a deixa suficientemente confortável para expressar tal opinião, contudo, diverge de sua primeira escrita em seu diário, quando coloca que iria escrever para *Nobody*, pois era em quem poderia confiar, ou seja, ninguém. O crescimento e a maturidade também devem ser considerados, pois em 1775 chegara ao 23 anos, sendo uma adulta e conhecendo mais dos meandros da sociedade londrina. Não será um exagero conjecturar que estivesse mais confiante tanto de sua capacidade quanto na lealdade de seus amigos.

Em 4 de março de 1775, apenas dois dias após a carta escrita para Samuel Crisp, Frances registrou no diário seu encontro com Mr. Bruce, na casa da família Strange. Podemos observar uma conversa privada entre Mrs. Strange e Frances Burney transposta ao diário.

Ele conheceu intimamente a Mrs. Strange durante toda a sua vida e é muito apegado a ela e sua família. Ele raramente passa um dia sem visitá-la; mas a senhorita Strange, que me contou muitas de suas singularidades, diz que ele geralmente é colocado como animal de estimação quando eles têm alguma companhia (BURNEY, 2001).¹⁸

Os relatos da conversa continuam na próxima página,

Na verdade, ela também me disse, ele tem sido muito maltratado pelos efeitos da curiosidade, pois muitas pessoas coletaram anedotas e observações dele e depois as imprimiram (BURNEY, 2001).¹⁹

16 Tradução nossa.

17 Tradução nossa.

18 Tradução nossa.

19 Tradução nossa.

Além da conversa, é possível observar também as consequências de uma apresentação social inadequada. Quaisquer que fossem as ações de Mr. Bruce, atraíram a curiosidade de muitos e alimentaram folhetos a seu respeito com a finalidade do humor mordaz. A própria Frances Burney não escapa de emitir seus julgamentos, embora o faça nos limites de seu diário.

Se sua vaidade fosse metade do tamanho de seu orgulho, ele certamente se tornaria mais cortês se soubesse o quanto os sorrisos lhe agradam, pois quando ele tem prazer em suavizar a severidade de seu semblante e permitir que suas feições relaxem e sorriam, ele é outra criatura (BURNEY, 2001).²⁰

A opinião negativa de Frances sobre Bruce é incontornável. Ela constrói sua ênfase de modo a não deixar dúvidas sobre opinião sobre o recém-conhecido.

[...]até que minha mãe, percebendo-se pouco notada pelo Grande Homem, abandonou seu assento e foi se colocar ao lado da Mrs. Turner, dizendo: “Bem, irei sentar-me ao seu lado e deixarei o Mr. Bruce com as jovens moças”. Detesto sinceramente este tipo de discursos, que obrigam a ser notado; nada pode ser mais provocador (BURNEY, 2001).²¹

Se considerarmos a fama de mulher tímida que Frances Burney conservou é compreensível o fato dela detestar ficar lado a lado com um recém-conhecido e ser tão notada. Ironicamente, não muito tempo depois se tornaria uma figura pública e reconhecida.

Não gostei nem um pouco, mas pensei que ele iria supor que eu tinha medo dele, se eu recusasse, então mudei de cadeira; mas fiz com que Miss Strange se aproximasse de mim e então renovamos nossa conversa, para que ele não se considerasse obrigado a prestar mais atenção em mim (BURNEY, 2001).²²

Podemos perceber a aflição da futura escritora acerca da opinião de outra pessoa sobre ela. Aqui, ela precisou colocar o público à frente do privado, teve de se comportar de maneira que em seu íntimo não queria, devido a convenções sociais. Constatou seu desgosto à situação no privado, mas precisou se comportar de maneira cordial no público.

Observando seus relatos, tanto em sua carta destinada a Samuel Crisp no dia 2 de março de 1775, quanto em seu diário no dia 4 do mesmo mês, percebe-se que ela não faz muitas distinções acerca do que descreve em ambas formas de escrita. Apesar de imaginarmos que suas opiniões estariam presentes, majoritariamente, no seu diário, também as encontramos na carta para seu amigo. O privado não residia exclusivamente na escrita para si, mas se afirmava na escrita para um

20 Tradução nossa.

21 Tradução nossa.

22 Tradução nossa.

outro de confiança.

Portanto, a partir do que foi exposto até o presente, é possível observar que a maior diferença entre os escritos da carta e do diário se dá no relato das conversas entre Burney e outras pessoas. Apesar de Frances ter descrito para Samuel Crisp como Signor Colla tratou seu pai e alguns elogios que fez a ele, o relato da conversa não teve tantos detalhes quanto teve em seu diário quando ela reconstruiu sua conversa com Mrs. Strange com as informações que a mesma deu a ela, e talvez, somente a ela. Além disso, o gênero não influenciou tanto os escritos de Burney quanto poderia se supor, visto que, apesar das cartas para sua irmã Susana serem bastante detalhadas enquanto para seu pai fora escrito apenas um poema, as cartas para seu amigo Samuel Crisp não são tão diferentes das destinadas à sua irmã. Assim sendo, pode-se concluir também que a proximidade entre Frances e o destinatário influenciava mais sua escrita do que o gênero.

Conclusão

Como abordado inicialmente neste trabalho, a leitura e a escrita, na Idade Moderna, eram quase exclusivamente destinadas às mulheres nobres e, ainda assim, quando exercidas, ficavam restritas ao âmbito privado. A expressão literária feminina no período moderno era bastante contestada e julgada e, muitas vezes por isso, quando seus trabalhos intelectuais conseguiam avançar e superar essa circulação realizada apenas no meio privado, alcançavam isso de forma anônima, como foi o caso de Burney.

Cabe reforçar que os aprendizados das mulheres modernas eram majoritariamente focados no que iria lhes dar um bom casamento, dificilmente as famílias buscavam incentivar os estudos, consequentemente a leitura e a escrita, apenas pelo desenvolvimento intelectual de suas filhas. O que nos leva a mais um ponto importante, o apoio do gênero masculino. No caso de Frances Burney, foi seu pai quem incentivou seu amor pela leitura, o que posteriormente a levou a buscar refúgio na caneta e no papel. Quanto à sua primeira obra *Evelina*, de autoria ainda anônima, foi seu irmão quem ajudou nos trâmites para a publicação, que foi feita por Thomas Lowndes. Devido a inexperiência do seu irmão como agente literário, foi oferecido a Burney apenas vinte guinéus²³ pelos direitos autorais, assim sendo, a autora recebeu pouquíssimo ou quase nenhum lucro com a obra que fez tamanho sucesso (RUPRECHTOVÁ, 2020).

Os diários, por sua vez, enquanto fontes históricas, nos mostram as práticas culturais de uma época, bem como nos relatam os pensamentos e sentimentos de um indivíduo e assim, adicionando os filtros necessários, como classe, raça e gênero, podemos considerar como era o pensamento de, pelo menos, parte de uma sociedade. No diário de Frances Burney, portanto, podemos observar a partir dos seus relatos quais eram os pensamentos, sentimentos e vulnerabilidades de uma mulher, aristocrata, inserida na sociedade inglesa do século XVIII.

No entanto, o maior paradoxo do seu diário é a escrita dedicada a *Nobody* e a circulação do

23 Primeira moeda de ouro britânica feita a máquina.

diário por entre um selecionado círculo de familiares e amigos. Assim, o diário de Burney tensiona o público e o privado no momento em que ela coloca que poderia apenas revelar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos, bem como conversas com terceiros a “ninguém” e, mesmo assim, opta por circular o diário.

Quanto às cartas, podemos concluir que, durante séculos, a prática epistolar permitiu o diálogo entre pessoas separadas pela distância. Como colocado pelos autores trazidos anteriormente, as cartas se prestam a uma ampla gama de análises: históricas, literárias, lexicais, paleográficas e de gênero. Além disso, assim como o diário, as cartas nos trazem a possibilidade de observar a privacidade. Nas cartas, era possível relatar angústias, anseios e incertezas, assim como detalhar acontecimentos cotidianos, como fazia Frances Burney.

Ao analisar as cartas de Frances Burney, observamos, portanto, que diversas questões emocionais podem afetar a escrita, por exemplo, o humor, e isso pode servir tanto para o diário quanto para as cartas. Visto que, a única carta localizada para seu pai no recorte temporal de 1768 a 1778 foi um poema, na intenção de parabenizá-lo pelo título de Doutor em Música e, nesta, Burney foi bastante formal, durante todo o poema chamou seu pai de Dr. Burney e em nenhum momento colocou suas emoções na escrita. Na comparação feita anteriormente com a escrita em seu diário numa data próxima, percebemos que Frances mencionou que não estava de bom humor.

As cartas mais detalhadas e íntimas eram, no entanto, para sua irmã Susanna. Nestas, Burney mencionava acontecimentos do dia, reconstruía conversas e relatava sua opinião. Além de sua irmã, Samuel Crisp também era o destinatário de cartas detalhadas e intimistas. Assim, podemos considerar que o nível de proximidade se mostra mais relevante do que questões de gênero na forma da escrita de Burney em suas cartas. Inicialmente, poderíamos pensar que, o poema destinado a seu pai seja mais formal do que suas cartas para sua irmã, pois ela está tratando com seu pai, uma figura masculina e de autoridade na família, enquanto para sua irmã se trata de uma mulher assim como ela, que talvez compartilhe de opiniões parecidas e sentimentos convergentes. Contudo, as cartas destinadas a Samuel Crisp eram tão descriptivas quanto as destinadas para sua irmã e, estamos tratando de um destinatário do gênero masculino, assim sendo, a amizade entre Burney e Crisp e o nível de proximidade entre ambos influenciou mais na forma de escrita do que o gênero.

Assim, percebemos que Burney tinha muita consciência do que falar e para quem falar, ou melhor, do que escrever e para quem escrever. Aliás, podemos considerar que Frances sabia transitar entre público e privado muito bem. Indo no sentido da ideia trazida anteriormente por Perez (2024), Burney não viu a sua escrita no âmbito privado como um empecilho, inclusive, usou dessa estratégia de circular o diário por entre um grupo selecionado como, possivelmente, uma forma de “medir” suas habilidades de escrita.

Além disso, Burney pôde utilizar da sociabilidade de seu pai e, consequentemente, de sua família para estreitar laços com intelectuais da época. A partir disso, conseguiu benefícios como a amizade com o dramaturgo Samuel Crisp bem como entrar no salão *Hester Thrale's Streatham*, que incluía Samuel Johnson, Joshua Reynolds e Edmund Burke, autores ingleses bem estabelecidos.

Por conseguinte, garantiu seu lugar na sociedade das importantes *Bluestockings*, ao lado de Elizabeth Montagu, Elizabeth Carter e Hester Chapone. Portanto, para além da questão de ser uma boa escritora, mas também por ser de uma classe social que a favorecia, Burney foi acolhida por círculos intelectuais nos quais o gênero importava, mas não definia a receptividade.

Contudo, apesar do presente trabalho já nos responder algumas questões acerca das práticas de escrita privada das mulheres inglesas do século XVIII e da própria Frances Burney através de seus relatos, o tema ainda deixa diversas possibilidades em aberto. Uma delas seria a comparação entre os temas abordados em seu diário e em suas cartas com o conteúdo de suas obras, por exemplo, o gênero ou a família. Como demonstrado ao longo do trabalho, a questão do gênero está fortemente presente no diário de Burney, seria interessante observar se e de que forma este tema aparece em suas obras literárias.

Vale relembrar que optamos por tratar de uma Frances Burney jovem, ainda no desejo de se tornar uma escritora de sucesso e morando na casa de seu pai. Um recorte temporal além do aqui utilizado seria de pertinente análise. Por exemplo, logo após a publicação de *Evelina* que resultou na sua ascensão como escritora. Ou, mais adiante, durante o tempo que passou na corte da Rainha Charlotte. Quais seriam seus temores e anseios em diferentes momentos? Ou suas opiniões e relatos sobre as novas pessoas com quem passou a conviver? O que mudou de uma jovem Frances Burney para uma Frances Burney madura, com reconhecimento público e um cargo real? Todas essas são questões válidas de pesquisa e possibilidades de estudos posteriores.

Referência documental publicada

BURNEY, Frances. **Journals and Letters**. Penguin Classics, 2001.

Referências bibliográficas

BOUZA ALVAREZ, Fernando J. (Org.). **Cultura epistolar en la alta Edad Moderna: usos de la carta y de la correspondencia entre el manuscrito y el impreso**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2005. (Cuadernos de historia moderna. Anejos, 4–2005).

BREWER, JOHN. **The Pleasures of the Imagination: English Culture in the Eighteenth Century** (Abingdon: Routledge, 2013)

CASTILLO-GÓMEZ, Antonio. **Livros e leituras na Espanha do século de ouro**. Cotia: Ateliê Cultural, 2014.

CHISHOLM, Kate. The Burney family. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2007.

CIVALE, Susan. The Literary Afterlife of Frances Burney and the Victorian Periodical Press. **Victorian Periodicals Review**, 2011, vol.44 no.3, p.236-266. Disponível em: <<https://repository.canterbury.ac.uk/item/87050/the-literary-afterlife-of-frances-burney-and-the>>

[victorian-periodical-press](#)>. Acessado em: 24 set. 2023.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. **Sentir, escrever e governar:** a prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768-1779). Tese (Doutorado em História). São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

DARNTON, Robert. Uma precoce sociedade da informação: as notícias e a mídia em Paris no século XVIII. **Varia História**, n. 25, p. 9–51, 2001.

DARNTON, Robert. **Boemia Literaria E Revolução: O Submundo Das Letras No Antigo Regime.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DAYBELL, James. **Early Modern Women's Letter Writing, 1450-1700.** Londres, Palgrave Macmillan, 2001.

ELK, Martine Van. Early Modern Women's Writing – Domesticity, Privacy, and the Public Sphere in England and the Dutch Republic. In: HADFIELD, Andrew. O'Callaghan, Michelle. **Early Modern Literature in History.** 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Ed. Elefante, 2017.

GREEN, Michael; NØRGAARD, Lars Cyril; BRUUN, Mette Birkedal (Orgs.), **Early modern privacy: sources and approaches**, Boston ; Leiden: Brill, 2021.

KÄFER, Natacha Klein. PEREZ, Natália da Silva. Situating Women's Private Practices of Knowledge Production in the Early Modern Context. In: KÄFER, Natacha; PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe.** Londres, Palgrave Macmillan, 2024.

LANGFORD, PAUL. ed., **The Eighteenth Century, 1688–1815** (Oxford: Oxford University Press, 2002) —, **A Polite and Commercial People** (Oxford: Oxford University Press, 1989)

LUCA, Tânia Regina de. Diários pessoais – Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla. **O Historiador e suas Fontes.** São Paulo, Contexto, 2009.

PACHECO, Anita. **A Companion to Early Modern Women's Writing.** Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

PAGDEN, A. **La Ilustración, y por qué sigue siendo importante para nosotros.** Madrid: Alianza Editorial, 2013.

PEREZ, Natália da Silva. Lady Jane Lumley's Private Education and Its Political Resonances. In: KÄFER, Natacha. PEREZ, Natália. **Women's Private Practices of Knowledge Production in Early Modern Europe.** Londres, Palgrave Macmillan, 2024.

RUPRECHTOVÁ, Monika. **Social Status in the work of Frances Burney.** Dissertação de Mestrado em Filologia Inglesa. Palacký University Olomouc. Olomouc, 2020.

SILVA, Mitiele Seixas da. Notes on Émilie Du Châtelet's Epistemology: Experience as a Source of Knowledge. In: LOPES, Christine; PEIXOTO, Katarina Ribeiro; PRICLADNITZKY, Pedro (Orgs.). **Latin American Perspectives on Women Philosophers in Modern History.** Cham:

Springer International Publishing AG, 2022, p. 101–120. (Women in the History of Philosophy and Sciences Ser, v. 13).

VICKERY, Amanda. A Self off the Shelf: The Rise of the Pocket Diary in Eighteenth-Century England. **Eighteenth-Century Studies**, 2021, vol. 54, no. 3. p. 667–86. Disponível em: <<https://qmro.qmul.ac.uk/xmlui/handle/123456789/84454>>. Acessado em: 07 set. 2023

WARD, Jennifer C. Letter-Writing by English Noblewomen in the Early Fifteenth Century. In: DAYBELL, James. **Early Modern Women's Letter Writing, 1450-1700**. Londres, Palgrave Macmillan, 2001.

WILTSHERE, John. Journals and Letters. In: SABOR, Peter. **The Cambridge Companion to Frances Burney Edited by Peter Sabor**. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2007.